

## **Funções genéticas das correspondências passivas de Valdomiro Silveira: redes de sociabilidade entre escritores brasileiros**

*Bruna Martins Coradini*<sup>114</sup>

**Resumo:** Esta comunicação propõe uma breve discussão acerca das funções genéticas das correspondências passivas do escritor regionalista Valdomiro Silveira (1873 – 1941), da epistolografia e sua contribuição aos estudos da literatura brasileira do fim do século XIX e início do século XX. Doado em 2006 por sua neta e sua bisneta, o *Fundo* do escritor, abrigado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), fornece material inédito e valioso, contendo cerca de 2800 documentos, como correspondências, telegramas e cartões-postais, alocados em 14 caixas. Vinculam-se às cartas, originais de poesia e recortes de jornais. Dentre seus 70 correspondentes escritores, cujas missivas datam do período de 1887 até 1941, ano de morte do escritor, o objetivo será a apresentação de uma seleta anotada e comentada, que terá como foco os testemunhos epistolares de sua produção literária, sua recepção crítica e sua rede de sociabilidade intelectual. Para isso, estarão embasados os pressupostos metodológicos, críticos e teóricos da epistolografia, da crítica genética e dos estudos literários. Considerando o autor de *Os caboclos* (1920) como o precursor do regionalismo brasileiro, o estudo das correspondências que compõem seu acervo epistolar fornecerá relevantes informações acerca de sua trajetória pessoal, da recepção crítica de suas obras e da movimentação editorial do período. As missivas de Monteiro Lobato, Euclides da Cunha e Olavo Bilac, que serão evidenciadas, revelam valiosas funções genéticas, concluindo-se, então, que são importantes para os estudos da epistolografia no Brasil, do autor paulista e do regionalismo, assim como para o campo do memorialismo brasileiro e da crítica textual e genética.

**Palavras-chave:** Regionalismo brasileiro; Epistolografia; Crítica Genética; Literatura Brasileira.

---

<sup>114</sup> Bruna Martins Coradini é mestranda em Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: brunacoradini@usp.br.

Este trabalho apresenta o desenvolvimento da minha pesquisa no arquivo do escritor e advogado Valdomiro Silveira, considerado por alguns críticos como o precursor do regionalismo brasileiro. Suas primeiras publicações de contos regionalistas, todas em 1894, são “Vingança”, no *Correio Paulistano*, “Primeira queda”, no *Diário da Tarde*, “Amor na tulha”, no *Correio Paulistano* e “Rabicho”, no *Diário Popular de São Paulo*.

Segundo consta, o acervo de Valdomiro Silveira foi doado ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo em 2006, por sua neta Isabel Silveira Leal Góis e sua bisneta Ana Maria Leal Góis. Alocados em 14 caixas, estima-se que existam cerca de 2800 correspondências, fotografias, cartões-postais, convites de casamento, recortes de jornais, cartões de agradecimento e originais de poesia abrigados no Setor de Arquivos do IEB. As cartas, inéditas, são trocas entre Silveira e intelectuais, escritores, políticos, advogados, familiares, amigos e demais pessoas de seu convívio. São poucas as missivas assinadas pelo paulista. Em sua maioria, se destinam aos familiares, como Júnia Silveira Gonçalves (filha primogênita), Maria Isabel Silveira (sua esposa) e Amilcar Gonçalves (esposo de Júnia). Endereçadas a autores, foram encontradas missivas a Alceu Amoroso Lima (carta de admiração), Pedro Uzzo, Souza Jr (aos dois, Valdomiro faz apreciações críticas de obras), René Thiollier e Amando Caiuby (confirma para os dois o voto em Caiuby para a Academia Paulista de Letras).

As correspondências, documentos da vida privada, permitem um maior contato com aspectos culturais, sociais e históricos de uma determinada época, o que amplia a percepção da realidade nas obras literárias. As cartas de intelectuais, especialmente, podem conter intercâmbio de ideias, discussões de temas relevantes e projetos, permitindo, assim, a identificação de sua rede de sociabilidade. Para o estudioso José-Luís Diaz <sup>115</sup> (2008), quando as cartas de escritores são bem estudadas e editadas, preserva-se a genética. É possível acompanhar, por exemplo, o processo de “tentativa e erro” de um autor e seus ideais estéticos em formação, funcionando, dessa forma, como um “laboratório de escrita a céu aberto”, possibilitando o testemunho de sua produção literária.

Segundo os estudiosos Françoise Leriche e Alain Pagès<sup>116</sup> (2012), cartas podem assumir funções do ponto de vista genético. A primeira delas são as fontes de uma obra,

---

<sup>115</sup> DIAZ, José-Luis. *L'épistolaire: genèse des oeuvres, genèse de soi*. In: *Processos de criação e interação: crítica genética em debate nas artes, ensino e literatura*. Belo Horizonte: C/Arte, 2008, v. 2.

<sup>116</sup> LERICHE, Françoise; PAGÈS, Alain (orgs.). *Genèse & Correspondances*. Paris: Éditions Archives Contemporaines/ ITEM, 2012.

ou seja, um evento frequentado pelo autor, um livro lido, uma conversa na qual obteve uma informação, elementos que posteriormente aparecem transfigurados em sua produção. Outra função são os comentários de natureza estética e poética, nos quais o escritor pode, ao conversar com seus próximos, revelar suas intenções, conversar sobre um possível capítulo ou título de obra, refletir ou esboçar um tema, entre outros. A terceira função salientada pelos pesquisadores é a indicação da natureza cronológica, na qual pode ser situada a escrita de um poema ou romance, indicando em que momento foi escrito e o diálogo com o seu editor, que revela a movimentação editorial da época. Um ponto igualmente importante discutido por Leriche e Pagès são as correspondências que escondem uma estratégia publicitária, utilizada para instigar a curiosidade do correspondente ou atrair um futuro editor. É preciso que as mensagens sejam analisadas com cuidado, se atentado às “encenações”, feitas consciente ou inconscientemente, dos interlocutores. Os testemunhos da criação de uma obra podem ser um espaço de difusão de um ideário.

As cartas trocadas entre Euclides da Cunha e Valdomiro Silveira desvelam comentários de natureza estética e poética, quando o carioca sugere ao paulista (antes da publicação de seus livros) técnicas narrativas, efetivamente adotadas por Silveira em suas três primeiras obras, para inserir o linguajar caipira somente nas falas das personagens, deixando o vernáculo para o narrador. “A Romana, calma e serena, tratou de acomodá-la: - Ora, deixemo’ agora de libuzia! P’ra que tanta reiva agora?” (SILVEIRA, 1962, p. 46).

(De Euclides da Cunha, 12 out, 1903)

“[...] Tomo tão a peito a empresa, que faço o máximo empenho na publicação do teu primeiro livro. Entendo que deves publica-lo sem demora, tão seguro estou de um sucesso franco, principalmente se resumires aos diálogos o dizer sertanejo, e deixares livre e mondado nas narrativas o vernáculo, que manejas com tão raro brilho.”

Outro importante correspondente foi Olavo Bilac, poeta de tendências parnasianas e grande admirador do regionalista. Através das duas missivas encontradas no arquivo, é possível identificar a rede relacional de Valdomiro com intelectuais da época, que o elogiaram através da pena de Bilac, como Ferreira de Araújo e Guimarães Passos. Constata-se também, para o poeta, envios de produções literárias para apreciação crítica, assim como ocorre nas missivas de Amadeu Amaral.

(De Olavo Bilac. 15 jun. 1897)

“Eu não sei fazer elogios cara a cara. Mas não estamos neste momento a encarnarmos a pose, portanto dizer-lhe daqui que você tem talento como o diabo que o carregue! No Rio, entre os que escrevem, a publicação dos seus contos tem sido uma verdadeira revelação. Ferreira de Araújo, Netto, Murat, Guimarães Passos são os primeiros a proclamar a surpresa com que viram surgir, de repente, já armado cavalheiro, já senhor de uma feição original e nossa. *O Filhote* (viu?) publicou um conto seu: e disse-me o Araújo que não supunha que nesses cafundós do Rio Pardo se aninhasse um escritor como você.”

Nas trocas epistolares com Monteiro Lobato, ficam evidentes as negociações prévias e o processo editorial do primeiro livro de Silveira, publicado em 1920 pela editora do taubateano. Outro aspecto é a indicação da natureza cronológica, sendo possível identificar, de maneira aproximada, quando iniciaram as vendas do livro.

(De Monteiro Lobato, 16 nov. 1920)

“Já está à venda o teu livro<sup>117</sup>. E agora? Queres distribuí-lo à crítica ou fazemos nós? Já mandei para todos os jornais de S. Paulo; Faltam o Rio e o resto. Mando-te 50 exemplares. Adeus. Arranquei hoje dez dentes e estou tímido.”

Além das apresentadas anteriormente, outras missivas se mostram igualmente importantes, como as de Mário de Andrade, que convida Silveira para o *Congresso da Língua Nacional Cantada*<sup>118</sup>, indicando, portanto, a importância do regionalista nas questões linguísticas e reiterando a opinião do modernista<sup>119</sup>, que considera as obras de Silveira verdadeiros clássicos da utilização do linguajar caipira. As cartas de Afrânio Peixoto trazem à tona discussões sobre arte e ficção na literatura e o envio do edital do *Concurso para os prêmios “Francisco Alves”*<sup>120</sup>. Possuem também a Academia Brasileira como tema as cartas enviadas por Amadeu Amaral, bem como a troca de informações terminológicas do linguajar caipira, estudado por ambos, e convites para publicações em periódicos.

Nas correspondências pertencentes ao acervo de Valdomiro Silveira, levando em conta sua importância como intelectual e suas contribuições para o regionalismo

---

<sup>117</sup> *Os caboclos* (1920).

<sup>118</sup> Congresso organizado por Mário de Andrade, em 1937, que pretendia estudar as características das pronúncias regionais, com a finalidade de fixar normas gerais para a língua cantada e outras manifestações artísticas no Brasil.

<sup>119</sup> ANDRADE, Mário de. “Pintor Contista”. In: *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 56.

<sup>120</sup> Concurso que premiava em dinheiro obras escritas entre janeiro de 1920 e março de 1921, que tratassem de temáticas como a língua portuguesa e o ensino primário no Brasil. A Academia ofereceu esse prêmio até 1994.

brasileiro, é possível ter um maior contato com suas produções e com a literatura do fim do século XIX e início do século XX. As discussões sobre literatura, as movimentações editoriais, a recepção de suas obras, a troca de experiências e apreciações críticas encontradas nas cartas, apontam, além da sua posição significativa no meio literário e sua trajetória pessoal, a rede de sociabilidade intelectual do regionalista com outros letrados. A organização e estudo de seu acervo epistolar, portanto, contribui para a crítica genética, epistolografia e história da literatura brasileira.

### **Referências Bibliográficas**

- ANDRADE, Mário de. “Pintor Contista”. In: *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 56.
- DIAZ, José-Luis. *L'épistolaire: genèse des oeuvres, genèse de soi*. In: *Processos de criação e interação: crítica genética em debate nas artes, ensino e literatura*. Belo Horizonte: C/Arte, 2008, v. 2.
- LERICHE, Françoise; PAGÈS, Alain (orgs.). *Genèse & Correspondances*. Paris: Éditions Archives Contemporaines/ ITEM, 2012.
- SILVEIRA, Valdomiro. *Os caboclos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.